



A PERCEPÇÃO DE UMA ADOLESCENTE MULTIRREPETENTE SOBRE SUA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Camile Martinelli Silveira¹
Leonete Luzia Schmidt²

RESUMO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa realizada nos anos de 2010 e 2011, durante a participação no Projeto de Iniciação a Docência – PIBID. Objetiva analisar a percepção de uma aluna multirrepetente sobre sua trajetória escolar (tempo e local onde estudou) e do seu aprendizado na escola. Trata-se de um estudo de caso com uma das alunas envolvidas nas atividades do PIBID. A opção por esta aluna como sujeito da pesquisa se deve ao fato de ela estar com 14 anos de idade, ter frequentado sete anos a escola e repetido de ano várias vezes e não ter se apropriado da leitura e da escrita. Foram realizadas entrevistas e análises dos materiais produzidos pela aluna durante o projeto. As análises evidenciaram que a aluna teve avanços em relação a leitura e a escrita durante o tempo em que participou do projeto. Também evidenciou que para ela a cópia das atividades era indicativo de aprendizagem.

Palavras-chave: Fracasso Escolar. Percepção de Aprendizagem. Trajetória Escolar.

PERCEPTION OF A TEENAGER WITH MULTIPLE FAILURES ON HER SCHOOL EXPERIENCE

ABSTRACT

This article resulted from a survey conducted in 2010 and 2011, during the participation period in the Initiation to Teaching Project (*Projeto de Iniciação à Docência – PIBID*). It aims to analyze the perception of a teenager with multiple failures on her school experience, specifying when and where she studied, and her learning process. It is a case study with one of the students involved in the activities of the Initiation to Teaching Project. This particular student was selected to be studied because she was 14 years old, had seven years of schooling and failed several times. She even did not read and write properly. Interviews with her were carried out and analyses of the materials which she had produced during the project were made. The analyses showed that she made progress in reading and writing during her participation in the project. It also showed that, for her, the copy of the activities revealed learning achievement.

Keywords: School failure. Learning perception. School experience.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Sul de Santa Catarina, 2011, camile.silveira@unisul.br.

² Doutora em Educação e Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, leonete.schmidt@unisul.br.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada durante a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID³, durante os anos de 2010 e 2011, em uma escola de Educação Básica da Rede Estadual, localizada no município de Florianópolis.

A partir de um levantamento preliminar realizado em conjunto com a escola verificou-se que havia nas turmas de quarto e quinto anos do Ensino Fundamental um grupo de crianças e de adolescentes que não estavam alfabetizados. A maioria dos integrantes reconheciam as letras e algumas palavras, mas não conseguiam escrever ou ler com compreensão. Decidiu-se, então, que o trabalho a ser desenvolvido pelas acadêmicas do PIBID seria com esse grupo.

Estando inseridos numa sociedade onde a escrita é parte do seu cotidiano, como podem meninas e meninos chegar ao 4º ano do Ensino Fundamental sem o domínio da leitura e da escrita? Por que não aprenderam? Que trabalhos foram realizados durante os anos em que estiveram na escola? Com quais estratégias? Estaria ali o problema da não aprendizagem?

Estas e outras questões motivaram a pesquisar sobre o processo de ensino-aprendizagem das crianças que passaram a fazer parte do projeto PIBID, e o porquê de tanta fragilidade na leitura e na escrita. Mas, nosso interesse não estava na percepção do adulto sobre o processo de ensino e de aprendizagem das crianças e adolescentes multirrepetentes. Tínhamos interesse em compreender como uma criança ou adolescente que já repetiu várias vezes a mesma série percebe seu processo de aprendizagem na escola. Qual sua percepção da escola? Que memória tem desse processo?

Realizamos um estudo de caso com uma das alunas que participava do projeto, aqui denominada de Maria. A opção por este sujeito foi em função da especificidade de suas características se comparada aos demais. Maria era tímida e não conseguia ler e escrever minimamente, conhecia letras isoladamente, mesmo assim trocava-as com frequência.

³ O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), realizado por meio de uma parceria entre a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), cursos universitários de Licenciatura e escolas.

Também apresentava problemas na fala (falava muitas palavras pela metade), e parecia não compreender ou assimilar explicações e orientações da professora. No entanto, copiava com perfeição as atividades e tarefas.

Maria encontrava-se com 14 anos em 2010, ou seja, já era uma adolescente e estava matriculada na 4ª série dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Com essa idade poderia estar concluindo o ensino fundamental se sua aprendizagem tivesse ocorrido conforme prescreve os determinantes legais de um ano para cada série.

O objetivo foi conhecer a percepção de Maria em relação a sua trajetória escolar (tempo e local onde estudou) e ao seu aprendizado na escola. E é o resultado dessa pesquisa que resultou no presente artigo.

A repetência ainda é um problema presente nas escolas e, encontrar crianças/adolescentes com 14 anos nos anos iniciais do ensino fundamental, lamentavelmente, é algo comum. Dessa forma, compreender como uma adolescente nessas condições entende seu processo de ensino-aprendizagem permite entender ou pelo menos obter maior esclarecimento sobre o problema do fracasso escolar nos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas brasileiras.

A PERCEPÇÃO DE MARIA SOBRE SUA TRAJETÓRIA ESCOLAR

A partir do conhecimento prévio de que Maria já havia estado na escola durante sete anos, passando por várias escolas, o objetivo inicial foi saber o que lembrava de sua trajetória em relação aos locais pelos quais passou e a época que lá passou. Ao ser questionada sobre a escola onde estuda atualmente não teve nenhuma dúvida em relação ao nome da escola e da sua série. No entanto, suas lembranças sobre as escolas onde estudou antes de sua transferência para onde estuda agora nem sempre são claras. Conta que frequentou várias escolas em Lages/SC, cita o CAIC e as demais não soube precisar nomes nem local (comunidade). Afirma que depois que veio para Florianópolis estudou “no Conceição”, escola pública, localizada em São José, bairro adjacente ao município de Florianópolis, mas não soube o nome completo da escola.

Considerando essas informações iniciais de que ela veio de outra região do Estado, começamos a investigar o tempo em que estudou nas referidas escolas. Ao questioná-la sobre quantos anos frequentou as escolas em Lages, responde que foram alguns anos, sem saber ao certo se seriam três ou quatro. Já com relação à escola de São José, num momento disse ter sido apenas alguns meses, pois logo em seguida outras duas crianças que moram com ela passaram a frequentar a mesma escola onde ela atualmente estuda e ela foi transferida junto.

Quando questionada sobre há quantos anos está na atual escola, afirma ser desde a segunda série, deixa bem claro que nunca repetiu a mesma série, e que está frequentando o 4º ano⁴. Ainda no que se refere ao tempo, complementa que em Florianópolis já está morando cerca de oito anos.

Como a entrevista foi realizada em dias diferentes, no segundo dia, iniciamos buscando saber se Maria recordava do assunto da primeira entrevista. Sobre o assunto e questões não teve dúvidas, mas algumas informações não correspondiam as fornecidas no primeiro dia, principalmente, aquelas referentes ao tempo estudado em cada escola. Na primeira entrevista havia dito que no colégio em São José tinha estudado dois meses e na segunda diz que foram dois anos. Já com relação à sua escola atual, responde que estuda ali há *“bastante tempo”*. Mesmo insistindo para que tentasse se lembrar da quantidade de anos que estudou, disse que estudou apenas um ano.

Com ajuda dos dados obtidos na secretaria da escola e das informações por ela fornecidas em diferentes momentos, apresentamos sua trajetória escolar, destacando o tempo que esteve em cada escola. Afirmou ser isso mesmo. No entanto, quando questionada novamente sobre quantos anos estuda na atual escola respondeu: *“Eu vim pra cá com oito anos!”*. Questionamos, então, se ela veio de Lages com oito anos. Diz: *“Não eu moro aqui em Floripa oito anos...”*

Após toda essa conversa com a intenção de auxiliá-la a recordar sua trajetória escolar propusemos fazer juntas as contas para verificar quantos anos estava na escola. Foram três ou quatro anos em Lages, dois meses ou anos em São José, três anos na escola atual, e que

⁴ A escola por ser estadual manteve a nomenclatura de série, mas Maria sempre se refere pela nomenclatura ano.

mora 8 anos em Florianópolis. Já estava claro que Maria não tinha clareza desses dados referentes as escolas que frequentou e quanto tempo frequentou cada uma. Mesmo assim resolvemos fazer com ela outro exercício.

Primeiro questionamos a idade dela (disse ser 14 anos), a fim de confrontar a idade de entrada dela nos colégios em São José e Florianópolis. O resultado dessa subtração demonstra que ela teria entrado com seis anos nestas escolas (já que mora oito anos em Florianópolis). Questionamos então sobre o tempo que estudou em Lages e se veio de Lages com seis anos. Inicialmente ela explica com quais pessoas residiu, e posteriormente questionamos mais uma vez com relação aos anos.

Buscamos confrontá-la para perceber se conseguia identificar a diferença de idade existente entre a idade mencionada de entrada na escola e a idade que possui. Apontávamos as séries pelas quais passou na tentativa de resgatar sua memória. Então explicou: “A primeira eu fiz em Lages também... também, daí eu passei pa segunda.” Na sequência ela continua, “No Conceição! Que daí eu vo faze no Conceição também, eu vim pó Aníbal que eu também tava no terceiro!” (Entrevista concedida por Maria, em 11/04/2011, Florianópolis, Santa Catarina).

As questões eram sempre apresentadas de diferentes formas, procurando dar elementos para que Maria compreendesse o que estava sendo solicitado. Mas, o nível de compreensão de um sujeito relaciona-se fundamentalmente com as suas condições sociais, culturais e econômicas. Seu vocabulário, modo de agir e interagir com o meio determinam até onde é possível dialogar sobre determinadas questões. No caso de Maria, o conhecimento real – para Vygotsky o que o sujeito consegue realizar sozinho – sobre sua trajetória escolar era muito elementar. Não tinha potencial ainda para dar conta do nível de elaboração que estava sendo cobrado, naquele momento, durante a entrevista. No entanto, sabe-se que para haver aprendizagem as mediações e interações são importantes. Sabendo-se do conhecimento real de Maria, era preciso provocá-la naquilo que demonstrava potencialidade para compreender. Nesse sentido, questionamos se ela fez mais de uma vez a mesma série, e sua resposta foi não. Afirma com veemência que nunca reprovou, mesmo quando apresentado informações sobre sua passagem pelas escolas.

Ao falar em passar de ano ou reprovar na escola Maria não apresentava nenhum problema de compreensão. Era algo já incorporado. Sabia o que isso representava no

contexto escolar. Regra geral são considerados, tanto pelos colegas como pela escola, incapazes ou menos capazes que os demais alunos. Talvez por isso, mesmo com seu histórico escolar evidenciando que havia repetido a mesma série mais de uma vez, sempre que questionada, afirmava o contrário.

Na análise do histórico escolar de Maria pode-se perceber que ela estudou em três escolas diferentes, duas em Lages, e uma (atual) em Florianópolis. Como o histórico escolar apresenta os dados do ano em que o aluno foi aprovado em determinada série, nem todas as informações de Maria puderam ser conferidas, como, por exemplo, o ano em que Maria ingressou pela primeira vez na escola. No histórico dela consta que foi aprovada na primeira série em 2006, ano que completou dez anos de idade. A partir dessas informações não há como saber se ela ficou quatro anos na primeira série ou se entrou na escola com oito ou nove anos e repetiu menos vezes. Na segunda série ela repetiu pelo menos uma vez, pois no seu histórico escolar da E.E.B Belisário Ramos, ela estava na segunda série em 2007, e no histórico da E.E.B Professor Aníbal Nunes Pires ela aparece na segunda série em 2008. Além desse aspecto, também observamos seu rendimento escolar pelas notas registradas e estas revelam uma aprendizagem fragilizada, a média não chega a 6. As disciplinas em que possui um rendimento de 70% são as de Artes e de Ensino Religioso, culturalmente dentro das escolas consideradas de menor “valor”.

Neste primeiro ponto analisado fica evidente que em determinados aspectos referente ao tempo que estudou e onde estudou, Maria faz alguma confusão. Suas respostas se modificam em um curto espaço de tempo. Com relação ao tempo cronológico o mesmo não é lembrado de forma clara, mesmo quando confrontada com respostas anteriormente dadas por ela mesma. No entanto, quando questionada sobre o tempo que está na escola, sabe dizer por quais séries passou, e o ano que fez a primeira série, de acordo com os dados do histórico o ano que foi aprovada na primeira série.

A partir do exposto, levantamos algumas hipóteses para essa confusão apresentada. Os conceitos de tempo e de espaço foram convencionados por homens, assim como o período de tempo que denominamos de ano, foi definido por alguém, a partir de estudos, reflexões e análises sobre a realidade. Na escola aprende-se ou deveria aprender estes conhecimentos produzidos pelos homens e por eles convencionados. Percebe-se que Maria possui uma fragilidade no entendimento referente aos conceitos de tempo e de espaço e na

relação entre os dois no que diz respeito a sua trajetória escolar. Podemos nos questionar, será que houve ensinamentos relacionados aos conceitos de tempo e espaço durante sua trajetória escolar. De que forma foram trabalhados? Será que é Maria que não os compreende ou não lhes foi assegurada a aprendizagem dos mesmos?

Mesmo tendo clareza de que o conceito de tempo não é simples e nem mesmo que sua apropriação pela criança vai ocorrer logo nos primeiros anos escolares, bases elementares desse conceito devem ser asseguradas nesta etapa. Sendo assim nos questionamos: o conceito de tempo é trabalhado nas escolas? Como o conceito de tempo foi trabalhado nas escolas frequentadas por Maria? Como foi feita a relação entre conceito e realidade? Que possibilidades de aprendizagem são disponibilizadas para as crianças na escola?

As percepções de Maria sobre a escola, sobre as práticas da professora e sobre sua aprendizagem fornecem pistas para algumas reflexões sobre o ensino e a aprendizagem na escola.

CONCEPÇÃO DE MARIA SOBRE SUA APRENDIZAGEM NA ESCOLA

O conhecimento resulta das relações que os sujeitos estabelecem entre si e com o meio e, estas estão relacionadas ao modo de compreensão dos sujeitos que ali vivem e convivem. Nesse sentido, a percepção de Maria sobre sua trajetória escolar, sua concepção de aprendizagem não é outra senão o resultado das relações que lhe foram possibilitadas até essa etapa da escolarização no momento da realização da pesquisa.

Ao questioná-la sobre suas lembranças das escolas que frequentou no município de Lages, onde começou sua trajetória escolar, procuramos levantar o que lembrava ter vivido na escola, professoras que lhe deram aula, sua compreensão das aulas, enfim, era preciso conhecer o que lembrava e a partir dessas lembranças ou nessas lembranças identificar sua concepção de aprendizagem. Questionada se durante as aulas entendia as solicitações da professora como: que tipo de atividade realizava, como eram as atividades propostas, enfim, as perguntas eram sobre as atividades que realizava durante as aulas. Maria respondeu de um modo genérico, conforme pode ser observado no relato abaixo:

Não, lá no outro meu colégio que eu morava com meu pai, eles era bem legal comigo, ia todo dia de carro, então, o meu pai ele sempre, mandava assim, daí quando eu chegasse em casa eu estudava de manhã, daí quando eu chegava em casa, eu ajudava a minha madrasta, depois eu ia estuda, daí eu ia vê o que **eu tinha copiado pra mim estuda**, (grifo da autora), daí se eu estudasse era melho poque, ele ia sabe que eu tava aprendendo coisa daí como lá em Lagis, eu tinha um monte de coisa que até hoje, eu tenho um monte de atividade de lá de Lagis, que eles não me entregaram... e eles ainda, a minha professora lá de Lagis, ela que que um dia eu vá vê ela, daí eu estudava lá, todo dia de manhã, eu tinha amigo sabe, amiga assim. (Entrevista concedida pela Maria, em 11/04/2011, Florianópolis, Santa Catarina).

Considerando a fala acima, percebe-se que Maria não respondeu ao que foi solicitado. No entanto, evidencia que copiava conteúdo e/ou atividades que eram fontes para seu estudo em casa.

Analisando os materiais produzidos por Maria durante sua participação no PIBID, pode-se perceber que havia construído uma identificação entre cópia e aprendizagem. Para ela se a aluno copiasse tudo que o professor passava com letra bonita significava ter aprendido. Durante os primeiros meses do projeto sempre que era proposta alguma atividade logo perguntava de onde poderia copiar. Apresentava muita facilidade em copiar do quadro, de cartazes, dos colegas. Inclusive seu caderno pessoal de aula era completo, tinha todo o conteúdo das aulas da professora da classe no caderno. Mas, como a cópia não garante apropriação do conhecimento, no caso da Maria não garantiu a aprendizagem da leitura e da escrita, então continuava dependente quando não lhe era fornecido este suporte.

Na continuidade da entrevista perguntamos se sabe ler e, como disse saber perguntamos quando aprendeu a ler. Sem demorar responde que foi a professora atual que a ensinou, acrescentando que a professora está “sempre dando força”. Lembramos a ela que na entrevista do dia anterior havia afirmado que lia história para seus amigos na escola de Lages. Então explica que na realidade antes dela entrar na escola atual, juntava as letras, mas após entrar no Aníbal aprendeu a ler “bastante” e ignorou o que tinha falado sobre ler para seus colegas. Reafirma que em todas as escolas anteriores apenas juntava as letras.

As colocações de Maria a respeito de “juntar letras” evidenciam que já percebe que ler é mais que simplesmente juntar letras. De acordo com o PCN de Língua Portuguesa “... o ensino de Língua Portuguesa deverá organizar-se de modo que os alunos sejam capazes:[...]

compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem o produz”. (BRASIL, 1997 p.41).

Maria foi progredindo em sua leitura, e ela mesma concluiu que somente a junção de letras não era leitura. Questionamos se seus colegas sabiam ler. Explica que lá em Lages havia apenas sete crianças da turma que não conseguiam ler. Observa que nas outras escolas ela não sabia ler, porque juntava as “três” letras e lia sempre muito devagar. Solicitamos que lesse o que estava escrito na carteira do colégio - SANTA CATARINA -, então aos poucos foi juntando os sons até que conseguiu ler. Ela olha e fala que ali ela leu, mas em Lages e na escola de São José era muito devagar.

A leitura de Maria continuava de forma bastante sofrível, precisava primeiro juntar as letras para depois ler a sílaba e juntando as sílabas formar as palavras. Quando era uma palavra mais corriqueira ou formada de letras que vê com mais frequência até lia com certa agilidade. Para ler o SA (de Santa Catarina) diz S A para depois dizer SA.

Durante esse processo era interessante perceber que Maria se sentia provocada a refletir sobre o significado de leitura e de escrita. Tinha dúvidas sempre que dava uma resposta, mas, não mais fazia de qualquer jeito, “chutando” ou copiando, como era comum nos primeiros tempos do projeto.

Em outras situações de leitura proposta, realizamos outro processo com Maria, fazendo com que ela pudesse refletir sobre o que estava vendo e lendo. Em histórias escolhidas por ela durante o projeto, foi solicitado que não lesse em voz alta letra por letra, e sim que tentasse ler a palavra. Quando tinha imagens sempre era sugerido que as analisasse e tentasse perceber o que havia ali, perceber se as palavras escritas não tinham relação com as imagens. Ela demorava um pouco mais, entretanto sua leitura foi melhorando com o passar dos meses.

Quando trabalhamos com Gibi, tentava realizar a leitura apenas pelo desenho da capa da história em quadrinhos. Mas após perguntar pelo nome de dois personagens, percebeu, então, que eram outras letras que estavam na capa e lê: “Magali”.

Ainda relacionado à sua concepção de leitura, questionamos sobre como foi aprender a ler. Diz que foi difícil porque lia as palavras e não as compreendia, ao contrário do que acontecia atualmente, quando consegue entender o que lê.

A NÃO APRENDIZAGEM DE MARIA

O fracasso escolar é algo presente na realidade educacional brasileira, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental. No caso específico de Maria tanto a escola como a família não tinham expectativas que viesse a aprender a ler e a escrever. Mas foi mudando a partir do momento que Maria passou a apresentar progressos. Durante a entrevista repetiu uma fala de sua mãe, que diz o seguinte:

Mas a minha mãe, já tava com vontade de me tirar de todos os colégios, que eu tive, ela não quiria mais que eu estudasse, porque eu venho pa escola, assim eu, mas daí ela falou assim, que eu só vinha pa escola pa faze nada, daí agora ela que que eu fica na escola assim pra mim estuda melho, e que nem naquele dia, fui no médico, porque não pude vim, eu peguei, daí minha imã pediu Maria, leia o nome desses ônibus, daí assim, aparecia a placa e eu tinha que ler, um nome e outro ônibus, daí esse...(Entrevista concedida pela Maria, em 11/04/2011, Florianópolis, Santa Catarina)

Maria começa a perceber que está rodeada de escrita e que estas tem uma função na sociedade. Uma delas é ler para seguir a direção correta seja no momento de caminhar pela cidade ou de tomar um ônibus. Maria demonstrava entusiasmo ao relatar que soube ler determinadas placas e que a irmã a colocava em teste para ver se sabia ler.

Outra questão apontada por Maria, foi o fato de querer sair da escola para ir para outra e sua mãe não deixou, apontando o fato de que as pessoas da presente escola conhecem o seu problema.

Questionada sobre esse problema ao qual sua mãe se referia ela disse: “é um problema na cabeça”, que provoca convulsão. Questionada sobre os sintomas diz:

Dói, dói assim um pouco, é porque a minha professora, ela sempre fala pra mim, que é pra mim se cuidar, assim porque, é como ontem, eu tinha que indo pó parque, e a minha imã pediu pra mim fica com ela, todo mundo lá brincando...daí, brincando, daí

quase me deu tontura, e eu não posso ficar com a minha cabeça tontura, assim...
(Entrevista concedida pela Maria, em 11/04/2011, Florianópolis, Santa Catarina)

Em continuidade ao relato acima, ela afirma possuir o mesmo problema do pai, no entanto, seu pai não sabe ler nem escrever, “mal” sabe escrever seu nome. A mãe de Maria acreditava que ela não progrediria na escola, porque tem o mesmo “problema” do pai. Entretanto ao perceber que sua filha estava adquirindo conhecimento aceitou a sua permanência na escola.

O único comentário de Maria onde admite ter dificuldade aconteceu quando estava conversando sobre as tarefas escolares, e ela disse que às vezes algumas atividades são difíceis, que algumas palavras que são pedidas nos deveres ela não sabe escrever, mas sua mãe ou sua irmã a auxiliam caso ela necessite.

EPISÓDIOS SIGNIFICATIVOS PARA MARIA EM SUA VIDA ESCOLAR

Ao lembrar do que foi significativo na escola Maria fala primeiro das brigas e de como era provocada pelos colegas. Diz que quando estudava em um colégio de Lages, aconteceram algumas brigas e seu pai a tirou dessa escola, e que na escola atual alguns alunos a xingam de “chata”. Pedimos que citasse algo de bom que aconteceu na escola. Após ela pensar um pouco, diz: “-Eu acho, tudo ruim..”.

Indagada se não havia nenhum acontecimento que tenha gostado, explica que o único momento que gostou, foi no CAIC⁵ uma brincadeira, que relatou da seguinte maneira:

Que pareceu uma bruxa, atrás de mim e da minha amiga, e uma menina, daí agente saiu correndo, daí a professora falou, o que que deu? Tão correndo, parece uma bruxa, ali no caixão... Aí ela falou bruxa não existe, então vá ali vê, aí ela daí ela encontra com a bruxa, e a bruxa trancou ela no caixão. (Entrevista concedida pela Maria, em 11/04/2011, Florianópolis, Santa Catarina).

Enquanto Maria contava essa “aventura” vivida lá em Lages, sorria muito, demonstrando que este episódio foi significativo para ela. Contou também que no CAIC as

⁵ Centro de Atenção Integral a criança – Nossa Senhora dos Prazeres . O município de Lages possui três centros de atenção integral, todos ficam localizados na região Leste do município.

atividades eram diferentes, eram entregues em folhas separadas e, após a conclusão todos devolviam à professora. Segundo ela, sempre entregava todas as atividades preenchidas.

Seguindo a entrevista questionamos Maria sobre as apresentações orais. Relata que no colégio atual não entrega nem apresenta nenhum trabalho. Questionada como então passava de ano sem entregar e apresentar os trabalhos. Sua explicação é a seguinte: *“É porque agente passa só em Artes, e se agente faz Artes, agente pode conseguir passar em Artes, o eu to no quinto ano se eu passa eu vo pó sexto ano, entendeu?”* Após responder, continuamos conversando e perguntamos se nas outras escolas também foi assim. Responde que nos colégios de Lages havia apresentação de trabalhos, mas eram só os desenhos, eles tinham que desenhar e apresentar para os outros.

Esse relato evidencia que as atividades que recorda são aquelas que conseguia realizar, como Artes e desenhos, (as aulas de Artes para os anos iniciais se resumem quase sempre a desenhos também). De acordo com as informações repassadas por Maria várias questões emergem: como ela iria perceber a função social ocupada pela escrita na sociedade, se eles não eram estimulados a escrever. Como Maria teve seu repertório imagético ampliado? Que currículo era seguido?

A LEITURA E A ESCRITA DE MARIA

As confusões que Maria apresentou durante a entrevista, também foram percebidas durante a realização das atividades de escrita, de leitura e de interpretação. Mas foram diminuindo e se modificando durante o ano em que participava do projeto. O que evidenciou que dependendo das atividades propostas, das estratégias adotadas e das mediações estabelecidas a aprendizagem ocorre.

Com relação à leitura inicialmente tentava ler rapidamente, entretanto acabava lendo o que imaginava que estivesse escrito, o que acontece com menos frequência atualmente. Ela lê com atenção, palavras como “NÃO” de maneira certa. Apontando que já foi incorporada ao seu vocabulário, palavras terminadas com a consoante “s” também são lidas. Apresenta ainda insegurança quando escreve, pois quando solicitada para escrever um texto, parava a todo instante para questionar se as palavras escritas estavam corretas.

Passou a questionar com frequência sobre suas dúvidas evidenciando compreensão do que estava fazendo.

Diante dessa atitude de Maria a estratégia adotada foi devolver a pergunta a ela, a fim de fazer com que refletisse sobre aquilo que estava escrevendo e, assim, elaborasse sua compreensão sobre a questão. Analisando as produções individuais do segundo semestre do projeto, percebemos que se tomada a teoria de Emília Ferreiro sobre a construção da escrita, estava no nível silábico progredindo para o silábico alfabético. Conforme a figura abaixo, percebe-se que Maria coloca um ou dois fonemas para representar a sílaba pronunciada. Troca letras, mas demonstra compreensão do que havia sido proposto.

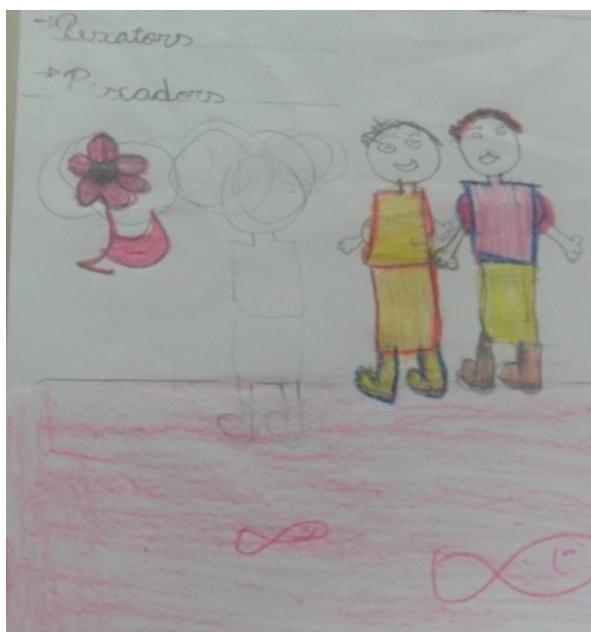


Figura 01 Desenho ilustrando os pescadores, 2011

Fonte: Arquivo pessoal, 2011

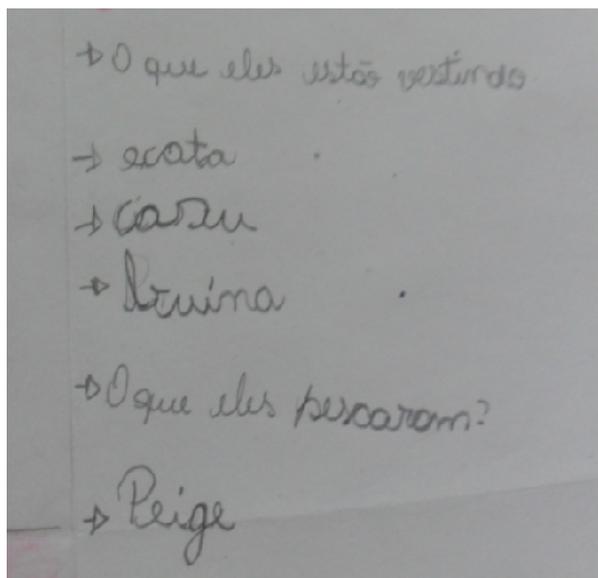


Figura 02 Descrição do vestuário, 2011

Fonte: Arquivo pessoal, 2011

Através de sua escrita, representada acima, percebe-se a influência da fala para a representação da palavra. Na atividade realizada utilizamos o livro Pintou Sujeira⁶, como ponto de partida para os assuntos que foram propostos no semestre. O livro conta a história de um garoto que viajava o mundo. No PIBID, elaboramos uma proposta de trabalho cujo objetivo era apresentar diferentes Países para o grupo com o qual trabalhávamos. Utilizamos recursos com diferentes gêneros textuais. Na atividade descrita anteriormente foi solicitado que Maria fizesse um desenho de pessoas que moram na Ilha de Santa Catarina, Florianópolis. Iniciamos levantando características do local onde mora, para depois partir para lugares desconhecidos. Desenhou dois pescadores, e escreveu *Pescators*, sendo que a palavra correta seria: Pescadores. Neste caso específico escreveu exatamente como ela pronuncia a palavra, pois quando foi solicitado que lesse pronunciou *Pescators*. Na segunda figura ela descreve os trajes e vestimentas das personagens representadas, seguindo a lista, as palavras são as seguintes: Regata, Calção, Bermuda e Peixe, que foram escritas sem auxílio e ela evidencia a forma como pronuncia as palavras. A última palavra escrita, por exemplo, escreveu exatamente como falou “Peige”.

⁶ JUNQUEYRA, Beto. *Pintou Sujeira: Uma Fantástica Viagem Pelo Mundo*. Editora: IBEP - INST BRAS DE ED PEDAGOGICAS LTDA, 2008.

De acordo com Rego (1998), é pela mediação que o indivíduo se relaciona com o ambiente, pois, enquanto sujeito do conhecimento, ele não tem acesso direto aos objetos, mas, apenas, a sistemas simbólicos que representam a realidade. É por meio dos signos, da palavra, dos instrumentos, que ocorre o contato com a cultura.

Em outra atividade foi solicitado que criasse uma história de acordo com as imagens observadas em uma apresentação de slides. Nestes slides Maria pode visualizar diferentes pontos turísticos de Portugal, sendo que coube a ela criar um pequeno pedaço da história para cada imagem que observava no notebook.

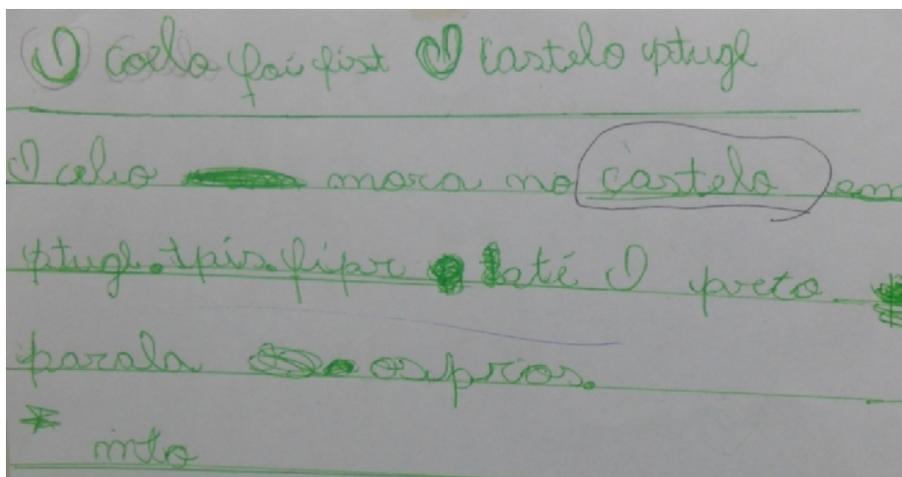


Figura 03 Texto criado pela aluna sobre Portugal, 2011

Fonte: Arquivo pessoal, 2011

Segue texto criado pela aluna:

O coelho foi visitar o castelo de Portugal. O coelho mora no castelo em Portugal. Lá ele foi visitar o porto, onde param os barcos.

Durante a elaboração do texto Maria escreveu da forma que sabia. Após concluir questionou se estava correto, como de costume. Nesse momento foi solicitado que começasse a ler o que escreveu e aos poucos foi percebendo as letras que faltavam ou as que haviam sido trocadas. Em alguns momentos foi necessário pronunciar a palavra, por exemplo PORTUGAL, a qual ela escreveu, “Ptugl”, ou como no caso da palavra PORTO, havia escrito “prto”.

Uma questão determinante no processo de aquisição da escrita é a mediação estabelecida. Maria possuía um repertório limitado de conhecimento de diferentes áreas e

aspectos. Na medida que foram introduzidas histórias, via leitura das mesmas, análises de gibis, pesquisas na internet, passeios, conversas informais... Esse repertório foi ampliando e isso fica evidente no momento das respostas e produções de texto.

Em outro encontro a proposta era cada um criar uma história. Como estavam estudando características de países, foi solicitado que esta tivesse como cenário o Brasil. Poderia ser uma história inventada ou verídica. Maria inicialmente não compreendeu o que foi solicitado, perguntou se poderia ser uma história que ela viveu. Questionamos se este fato aconteceu no Brasil, então, ela recordou de um episódio ocorrido na frente da escola. Primeiro contou oralmente e, na sequência, iniciou a escrita. Observando o comportamento de Maria era evidente que sua compreensão sobre o processo de escrita estava ampliando. Em vários momentos durante a escrita da história percebia que algo não estava correto na palavra e imediatamente fazia a correção.

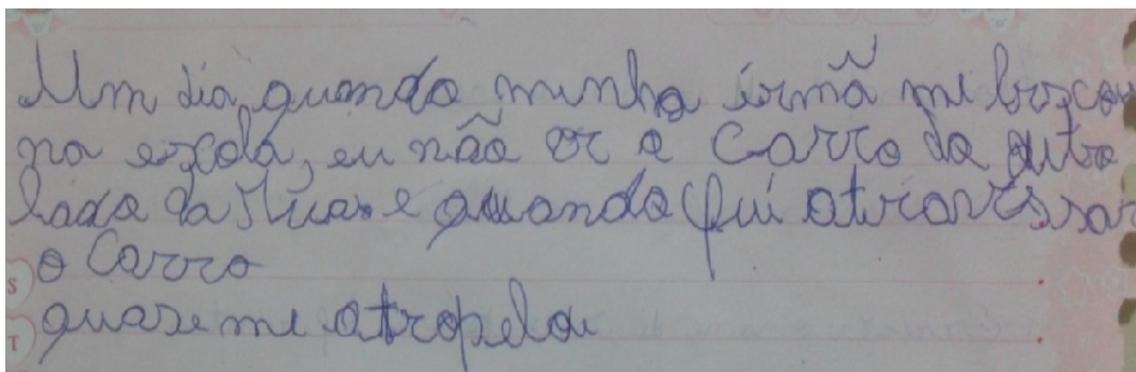


Figura 04 História criada pela aluna

Fonte: Arquivo pessoal, 2011

A diferença mais significativa que Maria teve na leitura, durante a realização do projeto foi no semestre de 2011-1. Desta fase em diante passou a se concentrar no que estava fazendo, tanto quando escrevia como quando lia. Maria explica que agora ela possui muitos livros em casa, e que todos os dias realiza leitura. Soares (2004) coloca que a questão do letramento é ampla, pois a criança deve perceber a função social da escrita. Além de uma série de mediações que estão acontecendo com Maria em relação à leitura e escrita (na sala de aula, no PIBID e no outro projeto que frequenta), ela parece estar tendo maior acesso aos livros, o que permite continuar suas leituras em casa, resultando em um avanço significativo na sua leitura.

Durante um ano do projeto ficou evidente a dificuldade encontrada por Maria para compreender o que estava sendo lido e a forma encontrada para que compreendesse foi trabalhar com pequenas leituras e conversar muito sobre o que estava sendo lido e trabalhado. Quanto mais informações ela tinha acesso, mais ia se envolvendo e gostando. Além disso, o desenho foi muito importante para que ela se recordasse ou expressasse sua compreensão do texto lido. Pode-se perceber que as interações foram determinantes para Maria no processo de apropriação da leitura e da escrita.

O processo de desenvolvimento e de aprendizagem de Maria durante o tempo que frequentou PIBID vai de encontro ao que Vygotsky observa em seus estudos sobre a relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Ele pondera que, embora a criança inicie sua aprendizagem muito antes de frequentar o ensino formal, a aprendizagem escolar introduz elementos novos no seu desenvolvimento. Em relação ao desenvolvimento considera a existência de dois níveis. Um corresponde a tudo aquilo que a criança pode realizar sozinha e o outro, às capacidades que estão se construindo; isto é, refere-se a tudo aquilo que a criança poderá realizar com a ajuda de outra pessoa que sabe mais. Entre esses dois níveis, há uma zona de transição, na qual o ensino deve atuar, pois é pela interação com outras pessoas que serão ativados os processos de desenvolvimento.

Durante todo esse processo a percepção de Maria sobre sua aprendizagem foi modificando. Inicialmente considerava leitura quando decifrava letras isoladas ou até mesmo quando mostrava tudo que tinha copiado do quadro. O trabalho desenvolvido foi dando elementos para que Maria compreendesse que leitura e escrita eram mais que decodificar sinais gráficos e/ou copiar um conjunto de atividades ou conteúdos. A percepção - até certo ponto confusa - de sua trajetória escolar pode estar relacionada a problemas de ordem psicológica como era mencionado pelos professores ou “de cabeça” como dizia a mãe de Maria, mas, considerando as mudanças que foram ocorrendo com ela, pode haver relação, fundamentalmente, com suas condições objetivas de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação Brasileira**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 29/05/2011.

_____, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília, 1997.

CASTROGIOVANNI, A. C. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: _____. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. p.11-81.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24 ed. São Paulo. Cortez, 1995.

REGO, C.R. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte. Autêntica. 1998.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas*. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. nº 25, jan/abr. 2004. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE25/RBDE25_03_MAGDA_SOARES.pdf
Acessado em: 30/04/2011.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5.ed. São Paulo (Brasil): Martins Fontes. 1996.

RECEBIDO EM 05 DE FEVEREIRO DE 2012.

APROVADO EM 10 DE MAIO DE 2012.